

O Espelho do corpo – Uma reflexão sobre o corpo da mulher negra de periferia

RODRIGUES, M. Joyce. HOFBAUER, Andréas
Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Marília.

1. Objetivos

Analisamos o corpo da mulher negra, na perspectiva de um signo modelado pela sociedade e, como é feita a leitura desta imagem por essas mulheres. Pensar nas percepções do corpo da mulher negra de periferia é pensar no status cultural e sócio econômico que ela assume atualmente em nossa sociedade. O estudo baseou-se, tanto num levantamento bibliográfico quanto numa pesquisa de campo - no bairro periférico Argolo Ferrão da cidade Marília (SP). Tal levantamento possibilitou subsídios que aprofundaram a reflexão sobre o corpo da mulher negra. Depois da avaliação de um estudo preliminar (questionário de caráter quantitativo e qualitativo), trabalharemos com a história de vida de algumas mulheres selecionadas com o objetivo de melhor desenvolvimento de nossa temática.

2. Material e Método

Foi realizado um levantamento bibliográfico inicial, sobre a questão da mulher negra na sociedade brasileira, como também, levantamento de material referente à exclusão social, preconceito racial, a imagem do corpo negro, relações de gênero e também a escravidão no Brasil. Depois da avaliação de um estudo preliminar (questionário de caráter quantitativo e qualitativo), procuramos trabalhar com a história de vida de algumas mulheres selecionadas, com o objetivo de aprofundarmos a nossa temática.

3. Resultados e Discussão

Foi analisado, um grupo de trinta mulheres da periferia do bairro Argolo Ferrão na cidade de Marília (SP), através de questionários (qualitativo e quantitativo). Com isso notou-se o baixo grau de escolaridade, não ocorrendo, em nenhum dos casos, uma formação de 2º grau completa, entre a faixa etária de 20 a 60 anos.

Ressalta-se que nesse primeiro questionário a única pergunta de caráter racial, foi a auto-classificação de cor. Assumimos a classificação do IBGE (branco, preto, amarelo, pardo e indígena), e adicionamos uma quarta classificação, que ficava a escolha da entrevistada, no caso dela não se sentir enquadrada em nenhuma das categorias pré-estabelecidas. Observou-se que, 39% das mulheres se auto-classificaram como morenas e 4% como morenas claras, mesmo tendo características físicas, evidentemente, negróides. As mulheres que se classificaram como pretas (22%), possuíam uma tonalidade de pele extremamente escura.

4. Conclusões Parciais

Notou-se que 61% das mulheres questionadas possuíam afro-descendência, isso quando somadas as que se autodenominaram morenas e pretas. Logo, além de uma questão socioeconômica, há explicitamente uma questão cultural e racial. As entrevistadas não tinham uma identidade racial definida, optando por uma classificação múltipla - morena e morena clara - a uma binária - negro ou branco. Nessa flexibilidade de auto-classificação está inserida, não somente uma postura frente ao preconceito, mas a sua reformulação. No Brasil, o preconceito perpassa características físicas, diferentemente de países como os Estados Unidos, onde a origem cultural sobressai à tonalidade da cor da pele. A miscigenação no Brasil se coloca como instrumento de uma política de branqueamento. Sendo assim, os padrões culturais e estéticos brasileiros não abarcam a cultura africana ou afro-brasileira como um todo. A mulher negra tem sua imagem estereotipada e erotizada, fruto de relações de gênero e poder, estabelecida desde o sistema escravocrata, no qual ela desempenhava, também, o papel de mercadoria sexual. Portanto, o corpo da mulher negra possui uma dupla dimensão, o de memória cultural e de marginalização social.